



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA**

RESOLUÇÃO Nº 060/96-CEPE Boa Vista, 04 de novembro de 1996.

Aprova Projeto de Pesquisa sobre:
"Trabalho e Marginalização
Indígena em Boa Vista - Roraima".

O REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA no uso de suas atribuições legais e estatutárias e tendo em vista o que deliberou o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão em sua reunião do dia 04 de novembro de 1996.

RESOLVE:

Art. 1º - Aprovar Projeto de Pesquisa sobre: "Trabalho e Marginalização Indígena em Boa Vista - Roraima", conforme anexo, que passa a fazer parte integrante desta Resolução.

Art. 2. - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, em Boa Vista, 04 de novembro de 1996.


Prof. Sebastião Alcântara Filho
Reitor

Resol. 060/96.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
COMISSÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PARECER SOBRE O PROJETO

“TRABALHO E MARGINALIZAÇÃO INDÍGENA EM BOA VISTA - RORAIMA”

O Projeto “Trabalho e marginalização indígena em Boa Vista - Roraima” faz parte de estudos de etnologia indígena, uma vocação natural de nossa Universidade, pela inserção geográfica e cultural. Pela sua importância, já foi inclusive aprovado pelo CNPq, e proporciona treinamento de alunos, os novos pesquisadores de que tanto carece a UFRR.

A metodologia e a fundamentação teóricas são adequadas e a relação custo-benefício é altamente positiva. Há adequação também quanto a equipe e as necessidades do Projeto, sendo este coordenado por um mestre em Antropologia, auxiliado por professor de História e acadêmicos da área.

Após a análise geral da proposta, sugiro ao plenário do CEPE a aprovação do projeto, pelas razões expostas.

Boa Vista, 23 de agosto de 1996

Nelvio
Nelvio Paulo Dutra Santos
Relator

PARECER
Aprovado pela Comissão,
em reunião de 23.08.96
Nelson A. B. Costa

M. M. M.
23/08/96

Chir...
23.08/96

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

TRABALHO E MARGINALIZAÇÃO INDÍGENA EM BOA VISTA (RORAIMA)
- PROJETO DE PESQUISA -

CARNEIRO, Orlando de Lira
FIORETTI, Elena Campo
NAMEM, Alexandro Machado
RODRIGUES, Lana Araújo
TOMAZ, Evilene da Silva

BOA VISTA - RR

1995

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

BR - 174, s/nº, Jardim Floresta.

Boa Vista - Roraima

CEP. 69.310-270

Telefone: (095) 224-7461 e 224-1464

FAX: (095) 224-7302

Grupo de Pesquisa:

Alexandro Machado Namem: Professor de Antropologia da UFRR

Orlando de Lira Carneiro: Professor de História da UFRR

Lana Araújo Rodrigues: Estudante de Antropologia da UFRR

Evilene da Silva Tomaz: Estudante de Antropologia da UFRR

Elena Campo Fioretti: Estudante de Economia da UFRR

1- OBJETIVO

Com o presente projeto objetivamos pesquisar a problemática da inserção dos índios de Roraima no mercado de trabalho de Boa Vista, capital do Estado.

Para atingirmos o objetivo geral, pensamos que faz-se necessário um estudo amplo da migração para Boa Vista, do cotidiano indígena e das atividades por eles desempenhadas na cidade, da forma como residem, bem como das relações mantidas com as áreas indígenas de origem.

Os objetivos específicos deste projeto são de investigar os fatores que garantem, dificultam ou impedem a inserção dos índios no mercado de trabalho; pesquisar a relação da mão-de-obra indígena com os seus empregadores; identificar os motivos que fazem com que os índios desloquem-se para Boa Vista e procurem o mercado de trabalho; confrontar os dados oriundos da pesquisa com outras situações características de contextos urbanos nos quais estão presentes grupos indígenas e outros migrantes; avaliar as potencialidades explicativas das teorias culturalista, processualista e marxista no que se refere ao contato, além de aprofundar o conhecimento sobre grupos urbanos.

2- JUSTIFICATIVA

A migração indígena para Boa Vista e a inserção no mercado de trabalho ~~cresceram~~ de forma significativa a partir da década de 1980, mas há uma carência muito grande de estudos sobre esta problemática. Assim, o grupo de pesquisa se propõe a estudá-la, avaliando concomitantemente as potencialidades explicativas das teorias culturalista, processualista e marxista em relação ao contato.

3- PROBLEMATICA DE PESQUISA

A presença de índios em Boa Vista trabalhando para regionais remonta a fins do século XIX, quando os primeiros executavam atividades pecuaristas e extrativistas, de serviços domésticos, de navegação, de construções e de agricultura (ver a este respeito Farage e Santilli, 1992: 267-278).

Segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), pelo menos 12.000 indígenas vivem em Boa Vista: principalmente Macuxi e Wapixana e alguns Yekuana e Taurepang, os quais residem sobretudo nos bairros São Vicente, 13 de Setembro, Asa Branca, Caranã e Santa Tereza. Sabemos que eles trabalham como funcionários públicos, vendedores ambulantes, jardineiros, caseiros, empregadas domésticas, lavadeiras, copeiras, vigias, pedreiros, auxiliares de pedreiro, comerciários, prestadores de serviços nas organizações indígenas de Boa Vista (Conselho Indígena de Roraima- CIR, Associação dos Povos Indígenas de Roraima- APIR e Organização dos Professores Indígenas de Roraima- OPIR), entre outras atividades (ver também Ferri, 1990). Eles visitam regularmente famílias nas áreas indígenas, e alguns trabalham na área rural do Estado em atividades agrícolas diversas e nos garimpos. Há também muitos estudantes e desempregados de ambos os sexos.

A concentração indígena em determinados bairros de Boa Vista e as atividades produtivas desempenhadas pelos migrantes, bem como as relações por eles mantidas com as áreas indígenas de origem e com a área rural do Estado de Roraima acompanham tendências registradas em outras situações estudadas, como no Brasil e no México (conforme Cardoso de Oliveira, 1968, Lazarin, 1981, Romano, 1982 e Din, 1992: 153-167), embora ocorram exceções no que diz respeito à concentração residencial (ver por exemplo Fígoli, 1982). A concentração residencial é também uma tendência de migrantes não-indígenas (ver por exemplo Yancey et. al., 1976: 391-403, Durham, 1978 e Oliven, 1992).

Considerando esse quadro e consonante com a literatura sobre contextos urbanos, pretendemos abordar as seguintes questões: Por que e em que idade estes indígenas migram? Esta migração é opcional ou compulsória? Trata-se de estratégias individuais ou grupais? São mais os homens ou as mulheres que migram? Qual o papel e a importância dos pa

rentes, conterrâneos e amigos no meio urbano? Como os índios estabelecem e mantêm redes de relações sociais? Quais são as atividades que absorvem mão-de-obra indígena em maior quantidade e com que frequência? As atividades produtivas (formais e informais) absorvem mais mão-de-obra masculina ou feminina? Quais são os fatores que garantem e dificultam ou impedem a inserção no mercado de trabalho? Qual o papel e a importância das organizações indígenas nesta inserção? O que os empresários e regionais pensam sobre a mão-de-obra indígena? Como as identidades étnicas são manipuladas para fazer face às situações vivenciadas no meio urbano? Os índios pretendem regressar às áreas indígenas ou fixam residência em Boa Vista?

Em relação especificamente à etnicidade indígena presente no contexto urbano, pensamos que tanto a origem étnica quanto as condições estruturais da cidade de Boa Vista, e nela a posição dos índios face às condições de trabalho, têm um papel fundamental, o que precisa, no entanto, ser melhor estabelecido a partir da pesquisa de campo. Ao contrário de autores que enfatizam de forma isolada as condições estruturais da cidade e do trabalho ou a origem étnica como determinantes das características de etnicidades (ver a esse respeito Yancey et. al., 1976), entendemos que ambos os fatores precisam ser devidamente equacionados, e nos propomos a fazê-lo.

Se estivermos corretos, poderemos mostrar, entre outras coisas, contrariando as expectativas da tradição culturalista presentes, por exemplo, na pioneira teoria do continuum folk-urbano de Redfield (1941 e 1947), que o fato de existirem etnicidades em contextos urbanos revela a importância da origem étnica nestes processos de transformação vivenciados pelos indígenas. Por isso mesmo não deveriam ser pensados como processos de aculturação, assimilação e desorganização social, pois há estudos, como o de Steele (1975: 167-178), mostrando que em contextos urbanos os indígenas e outros migrantes mantêm algumas de suas práticas e valores sociais.

4- METODOLOGIA

A presente problemática será abordada metodologicamente de forma dialética e através de um estudo de caso, o qual, entretanto, comportará algumas comparações com outras situações urbanas relacionadas a grupos indígenas e outros migrantes. Assim, estaremos atentos às contradições e conflitos inerentes à problemática enfocada, e confrontaremos constantemente as categorias antropológicas por nós utilizadas com as categorias de pensamento dos interlocutores nativos (indígenas, regionais e empresários); faremos um estudo em profundidade, estabelecendo as variáveis significativas e considerando elementos específicos e particulares, descrevendo-os e estudando-os detalhadamente, sendo que as poucas comparações nos permitirão extrapolar a definição estrita de estudo de caso (Bruyne et. al., 1977: 65-74 e 224-227, Miranda Netto et. al., 1987: 343-345 e 753-754 e Demo, 1989: 88-132).

Para elaborarmos este projeto, entrevistamos em grupo e de forma não estruturada (conforme Lakatos, 1992: 107) quatro pessoas que, em função de suas histórias de vida, poderiam contribuir para darmos os primeiros passos nesta pesquisa: Martin Nicholl, Eliakin Rufino, Alberto Chirone e Loretta Emiri¹.

Quanto à técnica para coletar dados daqui para frente, adotaremos a observação direta intensiva (também conforme Lakatos, 1992: 107), a qual consistirá em observar (ver, ouvir e examinar os fatos estudados) e realizar entrevistas estruturadas (vide Instrumento de Pesquisa a seguir) em grupo e individualmente com o maior número possível de indígenas principalmente, mas também com regionais e empresários, durante pelo menos seis meses (de novembro de 1995 a abril de 1996), de maneira a permitir estudar a problemática em questão.

1- Nicholl: inglês, 52 anos, professor e produtor rural, casado há 29 anos com índia Wapixana, residente há 24 anos em Roraima e há 10 anos em Boa Vista; Rufino: regional roraimense, 38 anos, filósofo e poeta; Chirone: italiano naturalizado brasileiro, 38 anos, Doutor em Sociologia pela Università Di Roma "La Sapienza", residente há 9 anos em Boa Vista, fundador do Centro de Informação da Diocese de Roraima, professor substituto na categoria de Adjunto da UFRR e Emiri: italiana naturalizada brasileira, 48 anos, lingüista autodidata, residente há 18 anos em Roraima, atuou entre os índios Yanomami, pela Diocese de Roraima, como educadora e lingüista e entre os professores indígenas de Roraima, pela Secretaria de Educação do Estado, como assessora para assuntos indígenas.

5- REFERENCIAL TEÓRICO

Evans-Pritchard (1940), ao argumentar que a política podia ser estudada de forma dissociada do Estado, inaugurou um campo de reflexão fértil à Antropologia. Este autor, juntamente com outros rotulados de estruturalistas clássicos (entre eles principalmente Radcliffe-Brown - 1940), forjaram modelos de equilíbrio para estudar as sociedades, supondo que estas estariam em uma condição de estabilidade relativa.

Leach (1954) criticou a perspectiva acima, argumentando que não há equilíbrio possível e que são os modelos ideológicos nativos que causam essa impressão. Malinowski (1926) mostrou que o estudo da política, como de resto da sociedade, precisa considerar que a conduta dos indivíduos depende dos interesses privados. Mais tarde Firth (1954) e Barth (1966) chamaram a atenção para as escolhas e para os processos e manipulações das normas. Cohen (1965) ressaltou que, ao estudar sociedades dominadas, é preciso levar em conta que as mesmas não estão isoladas e não têm autonomia, uma vez que estão colonizadas.

De acordo com Oliveira Filho (1987), este conjunto de autores, críticos do estruturalismo clássico, estabeleceram uma nova noção de sociedade, segundo a qual os princípios estruturais básicos de certas sociedades são contraditórios entre si, e a integração entre eles é imperfeita e exige a atuação de mecanismos de reajuste jurídicos, sociais, econômicos e rituais.

Velsen (1964), numa perspectiva que ficou conhecida como processualista, questionou as descrições e generalizações dos autores estruturalistas como um todo, argumentando que os informantes nativos por eles ouvidos não eram adequadamente enquadrados em termos situacionais. Isto é, as situações sociais nas quais os autores dos discursos os pronunciaram não eram bem caracterizadas e nem as relações não explicitadas existentes entre os falantes, as pessoas referidas nos seus discursos e os antropólogos que os ouviram. Assim, segundo Velsen, a unidade básica de análise política deixa de ser a sociedade e passa a ser as situações sociais. Gluckman (1963, 1974 e 1987: 227-344) também trabalhou nesta perspectiva.

Swartz, Turner e Tuden (1966) estabeleceram de maneira muito original uma nova visão da política como processo (ver Oliveira Filho, 1987). Nesta acepção, política não envolve necessariamente a presença de Estado ou de autoridades superiores, ocorrendo tanto em pequenos grupos quanto extravasando as fronteiras das sociedades. Segundo eles, os processos políticos são públicos e a competição para se atingir certos fins se estabelece entre grupos e não apenas entre indivíduos isolados. Nestes grupos não existe necessariamente uma hierarquia permanente de poder e os meios para atingir os fins não são apenas os institucionalizados e legítimos. De acordo com Oliveira Filho (1987), para estes autores a política não promove somente a existência dos grupos e o seu bem-estar, pois pode abranger também atividades que levam ao desenraizamento das estruturas.

Mais recentemente Asad (1972) e Alavi (1973) lançaram a proposta de estudar a política tendo como base a teoria marxista, sem perder de vista a análise processualista.

Para Asad, a formação de grupos políticos e facções deriva dos processos concretos de dominação de classe e do acesso aos meios básicos de produção, os quais não devem ser omitidos pelo pesquisador. Por isso, a análise deve estar voltada para o desvendamento de como uma classe dominante pode reproduzir as condições de sua própria dominação. Alavi acrescenta que o pertencimento de classe precisa ser incorporado à definição de certos tipos de coalizões, o que permite pensar e entender por exemplo os fenômenos relativos ao conflito de classes e aos vários mecanismos de dependência, como a patronagem e o clientelismo.

Oliveira Filho (1988) estudou os índios Ticuna brasileiros, dialogando com as perspectivas processualista e marxista, e revelou como o Estado os domina através do regime tutelar.

Considerando o acima exposto, estudaremos a problemática da inserção dos índios de Roraima no mercado de trabalho de Boa Vista com o conceitual da Antropologia processualista-marxista, o que significa dizer, portanto, que esta inserção será considerada enquanto situação social e como uma das formas que a sociedade regional encontrou para reproduzir as condições de dominação sobre os índios do Estado. Essa dominação é um longo processo que se iniciou com a invasão colonialista de diferentes matizes (inglesa, holandesa, espanhola e portuguesa) desde o final do século XVI, prolongou-se com a ocupação fundiária a

partir do final do século XIX e sua ideologia da tradicionalidade da ocupação das terras (ênfatisada ainda hoje por determinados grupos de interesse para tentar dificultar e evitar a demarcação das áreas indígenas), e atualiza-se através da exploração da mão-de-obra indígena em Boa Vista.

6- CRONOGRAMA

Levantamento bibliográfico: abril/94 a março/96
Entrevistas não estruturadas: julho a agosto/94
Elaboração do projeto de pesquisa: setembro a novembro/95
Trabalho de campo: novembro/95 a abril/96
Análise dos dados: janeiro a maio/96
Revisão bibliográfica: julho/94 a abril/96
Elaboração de textos: fevereiro a julho/96

7- INSTRUMENTO DE PESQUISA

A-) Entrevista: indígena

Data:

Hora:

Local:

Entrevistador:

Condições de observação:

1-) Nome

2-) Data de nascimento

3-) Naturalidade

4-) Sexo

5-) Etnia

6-) Grau de instrução

7-) Profissão

8-) Religião

9-) Estado civil

10-) Está estudando?

11-) Está empregado?

12-) Endereço residencial

13-) O cônjuge é índio?

14-) Quantos filhos você tem?

15-) Você já "casou" quantas vezes?

16-) Todos os integrantes da "família" residem na mesma casa?

17-) Há "parentes" residindo com vocês?

18-) De qual área indígena você emigrou?

19-) Por que migrou para Boa Vista ?

20-) Com que idade você migrou?

21-) Há quanto tempo reside em Boa Vista?

- 22-) Você migrou sozinho ou acompanhado? Acompanhado por quem?
- 23-) Você pensa que são mais os homens ou as mulheres indígenas que migram para Boa Vista?
- 24-) Você se sentiu obrigado a migrar ou foi uma opção? Qual o motivo?
- 25-) O que você esperava da cidade de Boa Vista?
- 26-) Você tinha "parentes", conterrâneos ou amigos (inclusive não indígenas) que residiam em Boa Vista antes de migrar? Como é a sua relação com eles? Qual a importância dos mesmos para você?
- 27-) Você trabalha no que? Há quanto tempo? Com carteira assinada?
- 28-) Qual é a sua renda mensal?
- 29-) Como você conseguiu este trabalho?
- 30-) Você também trabalha na área rural do Estado e/ou nos garimpos? Em que período do ano?
- 31-) Quais são as dificuldades para encontrar trabalho em Boa Vista?
- 32-) Existem facilidades para encontrar trabalho em Boa Vista?
- 33-) Como o empregador reage quando sabe ou descobre que você é índio?
- 34-) Você se sente discriminado no seu ambiente de trabalho por ser índio?
- 35-) Como é o relacionamento com o seu "patrão"? E com as demais pessoas no ambiente de trabalho?
- 36-) O que o "patrão" pensa sobre o seu desempenho no trabalho?
- 37-) Como é o seu cotidiano no trabalho?
- 38-) Quais as atividades profissionais que você realizou?
- 39-) Quais as atividades que absorvem mão-de-obra indígena em maior quantidade e com que frequência?
- 40-) As atividades produtivas absorvem mais homens ou mulheres?
- 41-) Você pensa que os regionais e empresários empregam índios para dominá-los? Por que?
- 42-) Você integra, conhece ou escutou falar das organizações indígenas de Roraima (CIR, APIR e OPIR)?
- 43-) Como estas organizações atuam, inclusive em relação à migração e ao mercado de trabalho?
- 44-) De que forma esta atuação influencia o ingresso ou não dos índios no mercado de trabalho e a migração?
- 45-) Como é a sua vida em Boa Vista?
- 46-) Você pretende residir em outro lugar?
- 47-) Como é a vida dos índios em Boa Vista?

- 48-) Como os índios manipulam a identidade indígena em Boa Vista?
- 49-) O que você pensa da atuação do governo (municipal, estadual e federal) e da igreja em relação à(s) questão (ões) indígena(s)?
- 50-) A atuação do governo e da igreja influenciam na migração para Boa Vista e na inserção no mercado de trabalho? Por que?

B-) Entrevista: regional ou empresário

Data:

Hora:

Local:

Entrevistador:

Condições de observação:

1-) Nome

2-) Data de Nascimento

3-) Naturalidade

4-) Sexo

5-) Grau de instrução

6-) Profissão

7-) Religião

8-) Estado civil

9-) Endereço

10-) Você emprega índios? (etnia, sexo e idade)

11-) Por que, quando e por quanto tempo você emprega índios?

12-) Você os emprega formalmente ou informalmente? (homens e mulheres)

13-) Quais são os fatores que garantem, dificultam e impedem o ingresso dos índios no mercado de trabalho?

14-) O que você pensa da mão-de-obra indígena?

15-) Você sabe quando os seus empregados e pretendentes ao trabalho são índios? Como você os identifica?

16-) Qual a sua atitude ao saber ou descobrir que os mesmos são indígenas?

17-) Quais as vantagens e desvantagens de empregar índios? Por que?

18-) Que atividades os índios estão aptos a realizar?

19-) Que atividades os índios realizam melhor?

20-) Empregar índios é mantê-los controlados e dominados?

8- BIBLIOGRAFIA

- ALAVI, H. Peasant Classes and Primordial Loyalties. IN: The Journal of Peasant Studies. 1 (1): 23-62, 1973.
- ASAD, T. Market Model, Class Structure and Consent: A Reconsideration of Swat Political Organization. IN: Man. 7 (1): 74-94, 1972.
- BARTH, F. Models of social organizations. IN: Occasional papers. London, Royal Anthropological Institute, 1966. n.23.
- BRUYNE, P. et. al. Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. Urbanização e Tribalismo: a integração dos índios Terêna numa sociedade de classes. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- COHEN, R. Political Anthropology: the future of a pioneer. IN: Anthropological Quarterly. 38 (3): 117-31, 1965.
- DEMO, P. Metodologia Científica em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1989.
- DIN, A. B. La Población Indígena en la Ciudad de México: algunos de sus problemas y exitos. IN: Revista Mexicana de Sociología. 1 (enero-marzo): 153-167, 1992.
- DURHAM, E. R. A Caminho da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. The Nuer. Oxford, Clarendon Press, 1940.
- FARAGE, N., SANTILLI, P. Estado de Sítio: territórios e identidades no vale do rio Branco. IN: CARNEIRO DA CUNHA, M. (Org.) História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1992. p. 267-278
- FERRI, P. Achados ou Perdidos?: a imigração indígena em Boa Vista. Goiânia: MLAL, 1990.
- FIGOLI, L. Identidad Etnica y Regional: trayecto constitutivo de una identidad social. Disertación (Maestría en Antropología). Universidad de Brasília, 1982.
- FIRTH, R. Social Organization and Social Change. IN: Journal of the Royal Anthropological Institute. n.89, 1-20, 1954.
- GLUCKMAN, M. Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna. IN: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) A Antropologia das Sociedades Contemporâneas. São Paulo: Global, 1987. p. 227-344
- _____ Order and Rebellion in Tribal Africa. London, Cohen & West, 1963.
- _____ Rituais de Rebelião no Sudeste da África. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1974. (Cadernos de Antropologia, 4)
- LAKATOS, E. Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 1992.

- LAZARIN, M. "A Descida do Rio Purus: uma experiência de contato inter-étnico". Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de Brasília, 1981.
- LEACH, E. Political Systems of Highland Burma. London, Bell, 1954.
- MALINOWSKI, B. Crime and Custom in Savage Society. London, Routledge & Kegan Paul, 1926.
- MIRANDA NETTO, A. et. al. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- OLIVEIRA FILHO, J. P. "O Nosso Governo": os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília (DF): Ministério da Ciência e Tecnologia/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1988.
- _____. Verbetes: Antropologia Política. IN: MIRANDA NETTO, A. et. al. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 64-67
- OLIVEN, R. A Antropologia de Grupos Urbanos. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RADCLIFFE-BROWN, R. Preface. IN: FORTES, M., EVANS-PRITCHARD, E. E. (Org.) African Political Systems. Oxford, Oxford University Press, 1940.
- REDFIELD, R. The Folk Culture of Yucatan. Chicago, Chicago University Press, 1941.
- _____. The Folk Society. IN: American Journal of Sociology. 52 (4), 1947.
- ROMANO, J. Indios Proletários en Manaus: el caso de los Sateré-Mawé citadinos. Disertación (Maestría en Antropología). Universidad de Brasília, 1982.
- STEELE, C. H. Urban Indian Identity in Kansas: some implications for research. IN: BENNETT, J. W. (editor) The New Ethnicity. West Publishing Co. St. Paul. 1975. p. 167-178
- SWARTZ, M. J., TURNER, V. W., TUDEN, A. Introduction. IN: Political Anthropology and IN: Local-Level Politics. Chicago, Aldine, 1966.
- VELSEN, J. V. The Politics of Kinship. Manchester, Manchester University Press, 1964.
- YANCEY, W. L., ERICKSEN, E. P., JULIANI, R. N. Emergent Ethnicity: a review and reformulation. IN: American Sociological Review. 41 (3): 391-403, 1976.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

Departamento de Antropologia
Departamento de História

Projeto de Pesquisa: Trabalho e Marginalização Indígena
em Boa Vista (Roraima)

Carneiro, Orlando de L.
Fioretti, Elena C.
Namem, Alexandre M.
Rodrigues, Lana A.
Tomaz, Evilene da S.

ORÇAMENTO

- 1- Automóvel para pesquisar em áreas indígenas : 30 dias
- 2- Dez (10) filmes fotográficos 36 p. colorido ASA 100: R\$6,00(unid.)
- 3- Revelação filmes fotográficos: R\$16,00 36 p.
- 4- Trinta (30) fitas cassete: R\$2,00(unid.)
- 5- Mil (1.000) folhas de papel pautado: R\$80,00
- 6- Quinhentas (500) folhas de papel ofício: R\$11,00
- 7- Mil (1.000) fotocópias: R\$0,10(unid.)
- 8- Dez (10) disquetes para computador: R\$29,00(total)

Alexandre M. Namem
20/12/95